

Empresário não pode ouvir falar de doença

Maurilo Clareto/AE

HELIANA NOGUEIRA

O empresário G.A.S. não passa na frente de hospitais de modo algum. Se estiver andando pela calçada e encontrar uma pessoa magra em demasia, atravessa a rua. Não pode ouvir a palavra Aids. Quando está assistindo à televisão e o assunto é a doença, desliga imediatamente e não desliga enquanto não desinfetar a tela do aparelho. "Sei que é um absurdo", confessa. "Mas não consigo me controlar." Ele sofre de um tipo de fobia que — nem sempre tão excessivamente — atinge algumas pessoas. Não há estimativas no Brasil, mas estudos americanos mostram que pelo menos 14,25% da população sofre algum distúrbio fóbico.

Os sintomas são sempre os mesmos: taquicardia, náuseas, sudorese. A face enrubece, as mãos tremem, o medo toma conta. "A mera possibilidade de entrar em contato com a situação ou objeto encarado como ameaçador já produz ansiedade", afirma Laura Helena Guerra de Andrade, diretora do ambulatório de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina da USP. "Muitas vezes esses objetos ou situações nem representam perigo, mas a solução em geral é evitá-los. Nem que para isso seja necessário ficar sem sair de casa."

A palavra fobia vem do grego phobos, que quer dizer terror. Phobos era uma divindade grega que provocava terror nos inimigos. "Esse terror ocasiona manifestações fisi-

cas, cognitivas e comportamentais", explica Laura. "Além dos sintomas comuns, há a sensação de que algo de horrível vai acontecer e a pessoa começa a se limitar, comprometendo seu desempenho." No caso da agorafobia, o paciente evita sair de casa. "É como se o adulto tivesse medo de situações que seriam perigosas para uma criança", relata a psiquiatra. "Uma loja cheia de gente causaria a uma criança medo de ficar perdida."

A agorafobia — que de acordo com os estudos americanos atinge 5,63% da população — surge, na maioria das vezes, após uma crise de pânico espontânea. "Trata-se de uma reação de medo sem qualquer explicação", afirma Laura. "A pessoa pode estar simplesmente conversando com um amigo e, de repente, achar que vai morrer, ficar louca ou perder o controle de si." Se a crise acontece, por exemplo, num shopping center, a pessoa pode desenvolver agorafobia — acha que, se voltar ao local, pode ter uma nova crise.

Já no caso das fobias sociais (que atingem 2,73% da população), a pessoa não consegue realizar certas situações normais no cotidiano, como escrever ou comer em público. Os medos podem se restringir a uma situação específica ou até mesmo envolver quase todas as situações fora do círculo familiar. "O medo de passar por um momento vexatório faz com que algumas pessoas tomem calmantes no dia de eleições", lembra Laura.



Medo estranho

Ana Carolina, 21 anos: "Se alguém comesse um pedaço de queijo, não podia encostar em mim depois"